



MULHERES EMPREENDEDORAS NEGRAS DE PARACATU: SENTIMENTOS, VOZES E VITÓRIAS

BLACK WOMEN ENTREPRENEURS IN PARACATU: EMOTIONS, VOICES, AND TRIUMPHS

MUJERES EMPRENDEDORAS NEGRAS DE PARACATU: SENTIMIENTOS, VOCES Y VICTORIAS

William Júnio do Carmo¹, Renato Paulino Borges¹, Rute Nogueira de Melo¹

e1117

<https://doi.org/10.47820/sol21.v1i1.17>

PUBLICADO: 12/2025

RESUMO

Muito se discute sobre igualdade de oportunidades, mas, na prática, as pessoas negras ainda figuram entre as mais desfavorecidas no mercado de trabalho. No contexto da discriminação racial, é fundamental discutir como a mulher negra está inserida nesse mercado, quais são os elementos que a diferenciam, bem como as dificuldades e os desafios enfrentados no ambiente empresarial, que, muitas vezes, discrimina por gênero e intensifica essa discriminação quando se trata de mulheres negras. O objetivo da pesquisa foi investigar como mulheres negras empreendedoras superaram as barreiras vivenciadas e desenvolveram comportamentos de superação frente às dificuldades para a manutenção de seus empreendimentos. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, com realização de pesquisa de campo, tendo sido selecionadas cinco participantes que responderam a um questionário. Os resultados indicaram que todas as entrevistadas identificaram no empreendedorismo uma oportunidade de geração de renda, sustento familiar e conquista da independência financeira. Conclui-se que o estudo promoveu conscientização e diálogo sobre a questão racial, proporcionando um espaço de reflexão e aprendizado com o propósito de fomentar a igualdade, a inclusão e o respeito à diversidade racial.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Negras. Empreendedoras. Igualdade. Inclusão. Diversidade racial.

ABSTRACT

There is a lot of discussion about equality and opportunity, but in practice, black people are still the most disadvantaged in the job market. Regarding racial discrimination, it is important to talk about how black women are inserted in the job market and what elements differentiate them, what are the difficulties, what are the challenges of being a black woman in the business environment, which often discriminates for being a woman and causes her to also be discriminated against for being a black woman. The objective of the research was to investigate how black women entrepreneurs overcame the barriers they experienced and developed behaviors to overcome difficulties in the survival of their enterprise. The research was qualitative and field research, with five participants selected by answering a questionnaire. The results showed that all interviewees saw the opportunity to generate income for themselves and support their families and financial independence. It is concluded that awareness and dialogue on the racial issue was promoted, providing a space for reflection and learning with the purpose of promoting equality, inclusion and respect for racial diversity.

KEYWORDS: Black Women. Entrepreneurs. Equality. Inclusion. Racial diversity.

¹ IFTM-Instituto Federal do Triângulo Mineiro.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

MULHERES EMPREENDEDORAS NEGRAS DE PARACATU: SENTIMENTOS, VOZES E VITÓRIAS
William Júnio do Carmo, Renato Paulino Borges, Rute Nogueira de Melo

RESUMEN

Mucho se debate sobre la igualdad de oportunidades; sin embargo, en la práctica, las personas negras continúan figurando entre las más desfavorecidas en el mercado laboral. En el contexto de la discriminación racial, resulta fundamental analizar cómo se inserta la mujer negra en este mercado, cuáles son los elementos que la diferencian, así como las dificultades y los desafíos que enfrenta en el ámbito empresarial, el cual, en muchas ocasiones, discrimina por género y profundiza dicha discriminación cuando se trata de mujeres negras. El objetivo de la investigación fue analizar cómo mujeres negras emprendedoras superaron las barreras vivenciadas y desarrollaron comportamientos de superación frente a las dificultades para el mantenimiento de sus emprendimientos. La investigación adoptó un enfoque cualitativo, mediante la realización de un estudio de campo, en el cual se seleccionaron cinco participantes que respondieron a un cuestionario. Los resultados indicaron que todas las entrevistadas identificaron en el emprendimiento una oportunidad para la generación de ingresos, el sustento de sus familias y la conquista de la independencia financiera. Se concluye que el estudio promovió la concienciación y el diálogo sobre la cuestión racial, proporcionando un espacio de reflexión y aprendizaje con el propósito de fomentar la igualdad, la inclusión y el respeto a la diversidad racial.

PALABRAS CLAVE: Mujeres negras. Emprendedoras. Igualdad. Inclusión. Diversidad racial.

1. INTRODUÇÃO

A temática deste artigo surgiu a partir de debates durante a programação do IV Congresso Nacional de Estudos das Relações Étnico-raciais (CONERER), promovido pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro campus Paracatu-MG, edição 2024, com reflexões sobre o racismo estrutural no contexto do empreendedorismo de mulheres afrodescendentes (Carvalho; Brito, 2024).

A motivação inicial foi a realização de entrevistas com cinco mulheres moradoras na comunidade quilombola de São Domingos (antigo quilombo de São Domingos), localizado a 3 km do centro da cidade de Paracatu, Minas Gerais, foi escolhido como campo para a aplicação do estudo de caso.

Segundo o SEBRAE (2023), cerca de 52% dos empreendedores brasileiros se autodeclararam pretos ou pardos, indicando que aproximadamente 33% deles são negros. No entanto, esse grupo enfrenta inúmeros desafios, como a falta de acesso a recursos financeiros, capacitação adequada, redes de contato, além da discriminação racial e da escassa representatividade em determinados setores. Para as mulheres negras empreendedoras, o cenário é ainda mais adverso do que para mulheres brancas ou homens negros, pois enfrentam a intersecção de discriminações de raça e gênero (Feitosa et al., 2024).

Nesse contexto:

A mulher negra é a síntese de duas opressões, de duas contradições essenciais: a opressão de gênero e a de raça. Isso resulta no tipo mais perverso de confinamento. Se a questão da mulher avança, o racismo vem e barra as negras. Se o racismo é burlado, geralmente quem se beneficia é o homem negro. Ser mulher negra é experimentar essa condição de asfixia social (Ito; Vieira; Zaccaro, 2019).

REVISTA CIENTÍFICA SOL21 - ISSN: 3086-089X

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

MULHERES EMPREENDEDORAS NEGRAS DE PARACATU: SENTIMENTOS, VOZES E VITÓRIAS
William Júnio do Carmo, Renato Paulino Borges, Rute Nogueira de Melo

Empreender no Brasil já é um desafio por si só; ser uma mulher negra empreendedora intensifica ainda mais essa dificuldade, especialmente quando sua capacidade é constantemente colocada em dúvida, mesmo com a devida qualificação. Muitas vezes, essas mulheres negras recorrem à informalidade, como a produção de doces caseiros, bolos, sobremesas ou mesmo a prestação de serviços domésticos — atividade que só recentemente passou a ser reconhecida com maior formalidade (Machado; Paes, 2021).

O racismo desvaloriza e minimiza o esforço e a importância do trabalho da mulher negra, tanto nos altos cargos empresariais quanto entre empreendedoras anônimas (Souza, 2022). As barreiras de acesso ao mercado contribuem para que a taxa de desemprego entre essas mulheres seja mais elevada, uma vez que sua condição social está frequentemente associada à responsabilidade pelo sustento familiar (Carolina; Ferreira; Teodósio, 2023).

Diante dessa contextualização, percebe-se por que o empreendedorismo negro não se enquadra ao empreendedorismo clássico, principalmente para as mulheres que tiveram seu acesso negado no mercado de trabalho. O empreendedorismo negro tem se mostrado uma ferramenta potente na busca pela redução das desigualdades sociais, oferecendo às mulheres negras não apenas uma alternativa de geração de renda, mas também um caminho para o fortalecimento da autoestima e da autonomia (Cisne *et al*, 2022).

Esclarecendo ou simplificando, a comunidade quilombola de São Domingos, localizada em Paracatu, tem origem antiga, possivelmente com mais de duzentos anos, surgindo durante a expansão da mineração na região. Segundo a moradora Romilda, foi formada por três famílias: Ferreira, Lopes e Mendanha, sendo o primeiro casal residente Josefa Caldeira e Manuel Lopes. O nome São Domingos foi adotado após os moradores recorrerem ao santo durante uma epidemia de febre, acreditando terem sido atendidos por sua intervenção.

Em 2004, a comunidade foi oficialmente reconhecida como quilombola pela Fundação Cultural Palmares, cultura quilombola permanece viva, refletida na organização social e em manifestações como a “caretada”, dança tradicional realizada por homens com máscaras e roupas coloridas (Murphy, 2022). Os moradores da comunidade quilombola de São Domingos desenvolvem atividades econômicas como agricultura (com destaque para o cultivo e comercialização do açafrão). Algumas mulheres da comunidade também se dedicam ao artesanato, produzindo cestarias e doces, atividades que reforçam a identidade cultural e geram renda local (CEDEFES, 2010).

Nesse contexto, a etnografia das participantes desta pesquisa contribui significativamente para as ciências humanas e sociais, ao oferecer fontes de análise que vão além da simples descrição da realidade. Como afirma Minayo (2012), “a etnografia permite compreender os significados atribuídos pelas pessoas às suas práticas cotidianas, revelando dimensões subjetivas da realidade social que dificilmente são captadas por métodos quantitativos.”

REVISTA CIENTÍFICA SOL21 - ISSN: 3086-089X

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

MULHERES EMPREENDEDORAS NEGRAS DE PARACATU: SENTIMENTOS, VOZES E VITÓRIAS
William Júnio do Carmo, Renato Paulino Borges, Rute Nogueira de Melo

Esses dados qualitativos — os mais relevantes para este estudo — fornecem uma visão aprofundada sobre quem são essas mulheres empreendedoras e suas trajetórias.

Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa foi de investigar, como as mulheres negras empreendedoras, superaram as barreiras vivenciadas e desenvolvem comportamentos de superação, frente às dificuldades, para a sobrevivência de seu empreendimento.

A partir disso, espera-se que instituições públicas, privadas e a sociedade civil se sensibilizem e se mobilizem para a criação de redes de apoio e programas de capacitação voltados a esse público.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo concentrou-se exclusivamente em mulheres negras, com o objetivo de contribuir para a compreensão das dinâmicas empreendedoras a partir das estruturas sociais e históricas que moldam suas experiências. Buscou-se analisar como esses fatores influenciam não apenas o sucesso dos negócios, mas também o comportamento dessas empreendedoras, que enfrentam o desafio constante de conciliar trabalho, vida familiar e outras responsabilidades. Além disso, o estudo considerou as dificuldades relacionadas a aspectos financeiros e à autoconfiança, que também impactam sua trajetória profissional.

Teve identificação de mulheres negras empreendedoras em Paracatu, com a proposta inicial de realizar um estudo de caráter regional, tendo em vista que a cidade é predominantemente composta por negros. No entanto, para delimitar, decidimos investigar no atual bairro São Domingos, onde com o apoio do orientador deste trabalho, contatamos uma participante ativa da associação de moradores na comunidade quilombola, que dispôs o contato de outras mulheres que empreendem na localidade.

A pesquisa qualitativa, por sua vez, segundo Oliveira (2020), busca o significado das coisas, porque este tem um papel organizador nos seres humanos. O que as “coisas” (fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, ideias, sentimentos, assuntos) representam, dá molde à vida das pessoas. Entendemos que as duas abordagens se complementam e, nesta investigação, optamos por uma metodologia quanti-qualitativa, uma vez que nessa forma de investigação não se busca estudar o fenômeno em si, mas entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas.

Para a pesquisa de campo, foram selecionadas cinco participantes, que tiveram como objetivo, contribuir para este estudo de igualdade e oportunidade para mulheres afrodescendentes, considerando os dados coletados, sendo que todas responderam a um questionário, sendo o critério de seleção, efetivado através de uma abordagem efetuada pelo pesquisador responsável, diretamente com as empreendedoras nos ramos de estética, moda, alimentação. O tempo estimado para se efetuar a entrevista foi de duração média de trinta

REVISTA CIENTÍFICA SOL21 - ISSN: 3086-089X

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

MULHERES EMPREENDEDORAS NEGRAS DE PARACATU: SENTIMENTOS, VOZES E VITÓRIAS
William Júnio do Carmo, Renato Paulino Borges, Rute Nogueira de Melo

minutos. Tal atividade foi desenvolvida nas residências das entrevistadas, que participaram espontaneamente mediante gravação de voz.

Entre os atributos da pesquisa quanti-qualitativa destaca-se a contribuição dada por este método ao rigor da validade dos dados coletados, já que a observação dos sujeitos, por ser acurada, e sua contribuição, por ser em profundidade, tendem a levar o pesquisador bem próximo da essência da questão em estudo. Após a coleta de dados foram feitas as análises da realidade vivida por empreendedora entrevistada, a versar sobre o objeto da pesquisa, e de acordo com os resultados, trouxemos contribuições para estudos futuros e políticas públicas.

Segundo Minayo (2012, p. 623), o objetivo central da análise qualitativa é compreender. Compreender implica a capacidade de se colocar na posição do outro, reconhecendo que, como seres humanos, são aptos a desenvolver essa habilidade de entendimento. Para alcançar essa compreensão, é fundamental considerar a singularidade de cada indivíduo, já que sua subjetividade é uma manifestação de sua vivência única.

Sendo assim, buscou-se levantar o perfil das empreendedoras participantes da pesquisa como também levantar as barreiras enfrentadas por elas e os comportamentos de superação que utilizaram para superar as barreiras vivenciadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nas respostas obtidas das cinco participantes, foi possível identificar o perfil das empreendedoras, seus comportamentos e as atividades desenvolvidas. A faixa etária das entrevistadas varia entre 24 e 64 anos, conforme detalhado a seguir:

- Participante V.F.L.R.B. – 64 anos
- Participante R.F.S.O. – 64 anos
- Participante I.S.O. – 64 anos
- Participante G.G.T. – 48 anos
- Participante K.T.N. – 24 anos

Das cinco mulheres entrevistadas, quatro se autodeclararam pretas e uma se identificou como parda. Apenas uma delas possui formalização do negócio por meio de registro como Microempreendedora Individual (MEI). As atividades desenvolvidas pelas participantes estão fortemente vinculadas à cultura afrodescendente, sendo práticas herdadas e aprendidas por meio de suas famílias e comunidades ao longo das gerações.

A presença da mulher negra no contexto social brasileiro representa a interseção mais evidente das estruturas de opressão de raça e gênero. Como observa Nascimento (2018), a



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

MULHERES EMPREENDEDORAS NEGRAS DE PARACATU: SENTIMENTOS, VOZES E VITÓRIAS
William Júnio do Carmo, Renato Paulino Borges, Rute Nogueira de Melo

chamada “herança escravocrata” perpetua-se especialmente nas trajetórias dessas mulheres, cujas ocupações e papéis sociais permanecem, em grande medida, alinhados a funções historicamente atribuídas durante e após o período escravocrata.

Nascimento (2019) argumenta:

As sobrevivências patriarcas na sociedade brasileira fazem com que [a mulher negra] seja recrutada e assuma empregos domésticos, em menor grau na indústria de transformação nas áreas urbanas, e que permaneça como trabalhadora nas áreas rurais.

Os dados da pesquisa refletem esse padrão. Três das entrevistadas atuam no ramo da culinária e da agricultura familiar, mantendo viva a tradição alimentar e o conhecimento agroecológico transmitido entre gerações. A participante 3 trabalha na área administrativa, evidenciando uma inserção profissional menos comum entre as demais, enquanto a participante 5 dedica-se à atividade de trancista, realizando penteados afro que reafirmam a identidade étnico-racial e contribuem para o fortalecimento da autoestima das mulheres negras da comunidade. No próximo tópico deste artigo está resumo fiel e preservando a originalidade e oralidade do relato das entrevistadas.

Ao longo dos relatos das trajetórias empreendedoras de cinco mulheres quilombolas, é denota-se que a herança cultural não apenas orienta suas práticas, mas também se manifesta como uma poderosa ferramenta de resistência, identidade e superação diante das adversidades, evidenciando suas estratégias de geração de renda, o uso e a valorização dos saberes tradicionais, bem como o forte envolvimento com a comunidade.

A primeira entrevistada, inicialmente, fala sobre a venda de produtos cultivados no quintal de casa, mas também presta serviços de atendimento a turista mediante agendamento, onde hoje tem um museu de instrumentos de trabalho, artigos religiosos do período escravocrata, juntamente a isso, com contos e histórias de seus antepassados, apresentando trabalho de escravista no São Domingos, os moradores viviam da extração de ouro, especialmente pipita, que era vendida rapidamente, gerando dinheiro no mesmo dia. “Nós trabalhamos aqui com açafrão, açafrão da terra, cúrcuma, né? A gente trabalha e vende. E é a linda da nossa casa. Sempre foi assim. Desde o primeiro negro que morou aqui no Quilombo, que jogou essa semente de açafrão, até hoje tem açafrão. E o açafrão daqui é um açafrão. E não tem mistura nenhuma, é um remédio, é um remédio para várias doenças também. E nós fazemos ele, vendemos dele e dele comemos do dia. E a minha irmã aqui, ó, ela tem. Ela coloca lá na casa, na casa. Como é que chama, irmã? Aquela casa lá? Casa da Cultura. Tem uma lojinha lá e lá tem o açafrão daqui. Nós temos também, que nós cultivamos o tamarindo.

Olha lá o pé, ó. Aqui, o tamarindo, ele é colhido. A partir de outubro. Aí, o que faz? Pega. Ele descasca e tira todo o favo. Favo é a semente. Todo o favo dele. Coloca ele num saco.

REVISTA CIENTÍFICA SOL21 - ISSN: 3086-089X

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

MULHERES EMPREENDEDORAS NEGRAS DE PARACATU: SENTIMENTOS, VOZES E VITÓRIAS
William Júnio do Carmo, Renato Paulino Borges, Rute Nogueira de Melo

Fica a poupas. É muito trabalhoso. Tirar favo por favo. Tudo manual. E vendemos o tamarindo. Vendemos na Casa da Cultura, vendemos na porta e faz suco. Ele é pra suco e ele também é laxante. É um remédio. Às vezes você está até intoxicada, você coloca um pouco de açúcar, um pouquinho de tamarindo e vai fazendo aquele creme do tamarindo, coloca água, né? Sim. E vai comendo, tomando a colher, a xaropada, a colher de sopa. Umas três, quatro vezes ao dia. Aí seu intestino solta aquele cocô. Inclusive na farmácia existe esse medicamento também."

A narradora se refere à história da comunidade como "nossa", pois está em seu sangue, apesar de não ter vivido diretamente todas as experiências, falou sobre seus avós e bisavós, que iam até a "praia" com bateias e caixotes para coletar ouro, o que garantia a alimentação. Seu pai, que viveu até os 110 anos, teve dez filhos, e a vida era de ajuda mútua entre vizinhos nas lavouras. Quando questionada sobre pessoas ou instituições que foram fundamentais para o empreendimento, ela responde que a Kinross – empresa no ramo de mineração localizada a sete quilômetros da cidade – é a maior apoiadora das atividades que geram renda para a comunidade.

A segunda participante atua na agricultura familiar, dedicando-se a diferentes cultivos ao longo do ano. Como ela mesma relata: "Um tempo eu lido com hortaliça, outro tempo eu lido com mandiocal, outro tempo eu lido com a cana-de-açúcar, rapadura." Sua produção de rapadura — pura ou batida com ingredientes como amendoim, leite, coco ou mamão — é reconhecida na comunidade e comercializada com uma marca caseira identificada por seu apelido.

Além disso, participa ativamente da associação de moradores da comunidade e colabora, sempre que possível, com o atendimento turístico local, segundo ela seus conhecimentos foram passados de "pai pra filha". Mesmo após sua aposentadoria, continua engajada nas atividades produtivas, como explica: "Não penso ainda em parar, porque é uma renda extra, né? Que sempre ajuda a família."

A narradora fala que o único incentivo recebido é da Prefeitura Municipal, que as vezes, doa sementes e calcário. Finaliza a entrevista dizendo: "Eu acho que um dos maiores dos aprendizados para o Bem é você estar levando um produto bom, tipo as hortaliças. Mesmo eu pranto, sem agrotóxico, então tem uma saída muito boa, né? E eu vejo assim também que a gente leva o nome do povoado para as coisas boas, porque quando se trata de, quando se fala que é produto daqui, ele é bem-aceito na cidade, né? Como a rapadura, as hortaliças, o açafrão, a mandioca, é bem-aceito na cidade."

A terceira entrevistada desenvolve um trabalho que, em parte, tem caráter voluntário vinculado à coordenação da fábrica de biscoitos do quilombo. Entre suas responsabilidades estão as compras, os pagamentos e os recebimentos. Segundo ela, o projeto foi idealizado por iniciativa própria dentro da associação, com o objetivo de gerar trabalho e renda para as mulheres da comunidade. Os conhecimentos necessários para administrar a fábrica foram adquiridos por meio de um curso oferecido pelo SENAR, como parte de uma consultoria promovida pela Kinross.

REVISTA CIENTÍFICA SOL21 - ISSN: 3086-089X

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

MULHERES EMPREENDEDORAS NEGRAS DE PARACATU: SENTIMENTOS, VOZES E VITÓRIAS
William Júnio do Carmo, Renato Paulino Borges, Rute Nogueira de Melo

Até hoje, ela utiliza uma planilha para controlar as entradas e saídas da produção, mas relata as dificuldades em gerir os custos e despesas. Em alguns períodos, as mulheres envolvidas no processo de produção não recebem pela mão de obra realizada, o que evidencia a instabilidade financeira do negócio, que depende diretamente do volume de vendas para garantir algum retorno às quitandeiras.

A quarta entrevistada relata que seu envolvimento com a produção de quitandas surgiu, inicialmente, por necessidade. Ela aprendeu as receitas com uma vizinha, como estratégia para conciliar o cuidado com os filhos pequenos e a necessidade de gerar renda sem sair de casa. Em suas palavras: “Ter criança pequena e ter que trabalhar fora. Então, eu aprendi a fazer salgado. E aí, a partir daí, eu comecei. Envolvendo em casa, fabricando biscoitos, toda variedade de biscoitos e salgados.” um dos maiores desafios enfrentados foi no processo de aprendizagem e a quantidade que ela deveria produzir para atender a demanda, porém, com o tempo ela conseguiu administrar, fazendo uma previsão de vendas, para reduzir o prejuízo. Com o tempo, transformou essa prática em um empreendimento doméstico, ampliando sua produção e diversificando os produtos oferecidos, o que ampliou as vendas e hoje são realizadas na feira livre da cidade aos finais de semana como também atendente a pedidos por encomenda para festas e cultiva algumas hortaliças, para incrementar a venda.

A quinta entrevistada empreende no ramo de estética, há sete anos ela faz e estiliza tranças, ela iniciou quando participou de um minicurso, e o interesse cresceu por gosto pessoal e pela necessidade de obter uma renda, ela afirma que para seu sucesso: “Além, tipo, da minha força de vontade, né? Que eu sempre gostei”.

Quando perguntada sobre quais pessoas ou organizações considera fundamentais para o seu sucesso como empreendedora afrodescendente, a participante respondeu: “Minha mãe, né? Sempre me apoiou. Minha família também, sempre gostou, sempre esteve junto. Meus amigos, que incentivam de um jeito ou de outro, sempre estão ali apolando. O SEBRAE Meninas também foi importante. Tive a oportunidade de apresentar meu trabalho, participar da Oficina de Tranças. Eu fui beneficiada, né? Eles vieram pra Paracatu e teve um evento no Quilombo. Nesse dia, aconteceram várias oficinas, e uma delas foi justamente a de tranças.” (SEBRAE, 2023)

Entre as cinco empreendedoras entrevistadas, ela é a única que possui um negócio formalizado e deixou um conselho para outras mulheres negras que desejam empreender: “Tipo assim, tem que correr atrás, né? Se é algo que você realmente quer, vá atrás, porque é difícil, nada é fácil. Então a gente precisa ter muita persistência e se jogar.”

Todas as entrevistadas responderam unanimemente, que viram a oportunidade de gerar renda para elas mesmas e sustento de suas famílias e uma das participantes disse: “que desde mais nova, muito antes de eu adquirir família, gostava de ter essa independência financeira.”

REVISTA CIENTÍFICA SOL21 - ISSN: 3086-089X

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

4. CONSIDERAÇÕES

Com base nos dados e informações apresentados neste artigo, torna-se inquestionável que as mulheres empreendedoras afrodescendentes ainda estão no anonimato e necessitam de políticas e iniciativas de apoio que não apenas garantam a continuidade dessas atividades, mas também promovam seu crescimento sustentável e ampliem a visibilidade das mulheres quilombolas enquanto agentes fundamentais do desenvolvimento local.

Ao realizar esta investigação para o desenvolvimento do artigo, um dos principais impactos positivos foi evidenciar as barreiras que dificultam o avanço do afroempreendedorismo feminino. Além disso, o estudo permitiu resgatar e valorizar as trajetórias das empreendedoras afrodescendentes, destacando-as como fonte de inspiração e reconhecimento. Essas mulheres desempenham um papel fundamental na formação e no fortalecimento socioeconômico da cidade de Paracatu.

Portanto, é fundamental promover aplicação de projetos que fortaleça o protagonismo negro na sociedade Paracatuense, onde atualmente podemos citar como exemplo, O “Muros Invisíveis – Afroempreendedores” que foi viabilizado pela Plataforma Semente, do MPMG, cujo objetivo é promover a conscientização e o diálogo sobre a questão racial na cidade de Paracatu, revelando sua realidade histórica e contemporânea. Sendo assim, a mostra coloca em foco as histórias de empreendedores negros que, em suas trajetórias, enfrentaram preconceitos relacionados à cor da pele, gênero e classe social.

Assim, pode-se concluir que o presente estudo alcançou plenamente os objetivos estabelecidos, demonstrando a realidade vivenciada pelas participantes da pesquisa a fim de promover a conscientização e o diálogo sobre a questão racial, proporcionando um espaço de reflexão e aprendizado com o propósito de promover a igualdade, a inclusão e o respeito à diversidade racial.

REFERÊNCIAS

- CAROLINO, A. R.; FERREIRA, C. A. A.; TEODÓSIO, A. D. S. Políticas afirmativas: acesso ao ensino superior por estudantes negros no Brasil. **Revista Ciências Administrativas**, v. 29, p. 1-14, 2023. <https://doi.org/10.5020/2318-0722.2023.29.e13692>. Acesso em: 8 jun. 2025.
- CARVALHO, L. M. C.; BRITO, A. D. Empreendedorismo resiliente: Relatos de mulheres de baixa renda. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 18, n. 1, p. 25-40. <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/61280>. Acesso em: 08 jun. 2025.
- CEDEFES – CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA DA SILVA. **Projetos realizados**. São Domingos: Cedefes, 2010. Disponível em: https://www.cedefes.org.br/projetos_realizados_18/. Acesso em: 8 jun. 2025.
- CISNE, M.; IANUEL, F. Vozes de resistência no Brasil colonial: o protagonismo de mulheres negras. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 2, p. 191–201, 2022.



**REVISTA CIENTÍFICA SOL21
STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X**

MULHERES EMPREENDEDORAS NEGRAS DE PARACATU: SENTIMENTOS, VOZES E VITÓRIAS
William Júnio do Carmo, Renato Paulino Borges, Rute Nogueira de Melo

FEITOSA, H. de L.; MASCENA, K. M. C. de. Mulheres negras empreendedoras e seus comportamentos de superação. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 18, n. 2, 2024.

ITO, C.; VIEIRA, D.; ZACCARO, N. Não adianta só pedir desculpas. **Revista Trip UOL – Consciência política**, 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/tais-araujo-elisa-lucinda-kl-jay-e-outras-personalidades-negras-refletem-sobre-o-racismo>? Acesso em: 18 jul. 2025.

MACHADO, S. S. P.; PAES, K. D. Os desafios enfrentados pelas mulheres negras empreendedoras na cidade de Rio Grande-RS. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 5, p. 45693-45715, 2024. <https://doi.org/10.34117/bjdv.v7i5.29437>. Acesso em: 13 out. 2024.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621–626, 2012.

MURPHY, D. M. Aquilombamento, Entrepreneurial Black Placemaking in an Anti-Black City. **Sociology of Race and Ethnicity**, v. 8, n. 2, p. 235-249, 2022. <https://doi.org/10.1177/23326492221077945>. Acesso em: 18 jul. 2025.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**: Documentos de uma militância Pan-Africanista. Rio de Janeiro e São Paulo: IPEAFRO e Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, B. **Quilombola e Intelectual**: Possibilidade nos dias da destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

OLIVEIRA, G. S. et al. Grupo focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa? **Cadernos da Fucamp**, Uberlândia, v. 19, n. 41, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2208>. Acesso em: 13 out. 2024.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. Negros são maioria dos empreendedores brasileiros. **Agência Sebrae de Notícias**, 21 nov. 2023. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/dados/negros-sao-maioria-dos-empreendedores-brasileiros>. Acesso em: 09 jun. 2025.

SOUZA, M. L. de. Capitalismo e racismo: uma relação essencial para se entender o predomínio do racismo na sociedade brasileira. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 2, p. 202–211, 2022.